

Entrevista com Angela Maria Alonso

Angela Maria Alonso é professora livre-docente do Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo, Presidente do Cebrap (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento), e pesquisadora do CNPq PQ-1D. É doutora em sociologia pela Universidade de São Paulo (2000), com Pós-Doutorado na Yale University (2010). Foi agraciada com os prêmios CNPq/Anpocs (2001), John S. Guggenheim Foundation Award (2009), Jabuti (2016) e da Academia Brasileira de Letras (2016). Foi membro dos comitês acadêmicos da ANPOCS (2014-16) e da BBM-USP (2013-2016) e coordenadora do LAPS-USP (2012-2015). Suas pesquisas e publicações se concentram na investigação das relações entre cultura e ação política e dos movimentos políticos e intelectuais.

Entrevista concedida via correio eletrônico a **Carmem Marques Rodrigues, Hélia Costa Morais e Stéfany Sidô Ventura** doutorandas na linha Ciência e Cultura na História, do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG e membros da Comissão Editorial da Revista Temporalidades.

[Revista Temporalidades]: Professora Angela Alonso, primeiramente, expressamos a nossa alegria em poder entrevistá-la neste momento tão singular na história do Brasil. Essa entrevista caminhará muito pelos rumos da crise vivida pela Ciência brasileira, especialmente na Área de Humanas, e os campos de atuação nos quais tens atuado. Gostaríamos de começar por uma pergunta que tem sido disseminada entre estudantes, pesquisadores e professores por todo o país: *o que a Universidade pública fez por você?* Conte-nos um pouco sobre a sua trajetória acadêmica.

[Angela Alonso]: A USP me transformou no que eu sou. Entrei na universidade aos 17 anos e ainda hoje estou nela. Aprendi muito e não apenas no meu campo de estudos, adquiri uma formação humanística em geral, que me capacitou tanto para o debate público quanto para o mercado de trabalho. Ao contrário do que dizem os antiuniversidade, estas coisas não são incompatíveis e as pessoas mais bem preparadas para o mercado são justamente as capazes de pensar por conta própria.

[RT]: O Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, o Cebrap, do qual a senhora é presidenta, atua como importante espaço de produção de conhecimento no Brasil, bem como, espaço histórico de resistência. Poderia nos contar mais sobre a sua experiência na presidência do Centro e as pesquisas nele desenvolvidas?

[AA]: O Cebrap está fazendo 50 anos em 2019 e cresceu muito desde a origem. Hoje há 140 pesquisadores vinculados a 26 projetos de pesquisa em andamento. O arco temático passa por democracia, desigualdades, desenvolvimento, movimentos sociais, religião, políticas públicas mudanças demográficas, crime, política externa, mobilidade urbana, inovação e internet.

Dirigir um centro interdisciplinar, voltado para o debate público e a produção de conhecimento de excelência, não é simples. Fazer isso sem contar com uma fonte fixa de financiamento é um grande desafio. O Cebrap sobrevive graças aos esforços contínuos de seus pesquisadores na busca por formas de manter a casa aberta.

[RT]: A parceria entre o Sesc e o Cebrap gerou a publicação, no ano de 2016, dos livros em formato e-book, “Métodos em pesquisa em Ciências Sociais”, bloco qualitativo e quantitativo, que é um esforço muito interessante em colocar em termos práticos o método científico que envolve as pesquisas nas áreas de Humanas, e que nos parece uma discussão muito atual. Gostaríamos de saber um pouco mais sobre o contexto que levou a tal publicação e os esforços dos pesquisadores engajados nesta tarefa.

[AA]: Como o Cebrap tem longa e sólida tradição de discussão e uso de técnicas de pesquisa social, resolvemos usar o saber acumulado e difundi-lo, por meio de cursos e publicações. Firmamos um acordo com o CPF-Sesc para oferecer oficinas de metodologia em pesquisa qualitativa e quantitativa. Vários pesquisadores seniores do Cebrap contribuíram e as aulas viraram o livro de introdução às técnicas mais utilizadas nas ciências sociais. Atualmente oferecemos cursos metodológicos de curta duração no próprio Cebrap, por meio do Cebrap.lab

[RT]: Há um movimento anti-intelectual com vias a deslegitimar a produção científica das universidades brasileiras e que tem colocado em xeque a nossa credibilidade perante a sociedade. Compreendemos a peculiaridade dos saberes produzidos pelo método científico das Ciências Sociais e Humanas, contudo, nos questionamos o que pensa sobre isso. Como a professora enxerga o papel deste campo de saber no atual contexto vivido pelo Brasil? Afinal, produzimos um saber tão passível de questionamento, e tão distante, no que tange a um retorno prático à sociedade?

[AA]: A especialização acabou afastando as ciências do debate público. Isto aconteceu em toda a parte e com praticamente todas as áreas do conhecimento. Nos últimos anos, há esforços individuais e coletivos de reestabelecer este diálogo entre os cientistas e o público leigo. Tenho me empenhado muito nisso nos últimos anos, seja como presidente do Cebrap, como colunista da Folha de São Paulo, e mesmo em minhas publicações, procurando escrever textos que possam ser lidos por não especialistas.

[RT]: Considerando a sua relevância e notoriedade entre os seus pares, e a importância das pesquisas que tem desenvolvido ao longo da sua trajetória, nos questionamos quanto à sua posição diante do quadro de desmonte vivido pelas Universidades e Institutos Federais brasileiros. Qual o nosso papel e postura, enquanto comunidade acadêmica, diante das demandas e desafios que a nós se apresentam?

[AA]: As universidades precisam mostrar à sociedade o que fazem. Muito do combate que estamos recebendo nasce da ignorância tanto sobre como funciona uma universidade, como sobre a própria natureza do conhecimento, que não está voltado para a produção utilitária e o uso imediato. A universidade precisa combater esta ignorância difundindo o que já faz e mostrando à sociedade que o dinheiro público está sendo bem gasto no avanço da ciência e na educação de gerações de brasileiros pelas universidades.